



Argentina/ Outra vitória feminista

Em votação apertada, a Câmara aprova a descriminalização do aborto

Na manhã da quinta-feira 14, apesar das pressões em contrário do papa e da Igreja Católica, a Argentina ficou a um passo de se tornar o terceiro país latino-americano a descriminalizar o aborto, depois de Cuba e Uruguai. Após 22 horas de debates, a mudança na lei foi aprovada por 129 votos – um a mais do que o necessário – a 125, para a alegria da grande concentração feminista que atravessou a madrugada gelada às portas do Congresso, enquanto o pequeno grupo antiaborto rezava sobre

o asfalto. Falta a votação no Senado, que deve acontecer em até três semanas, mas os líderes dos principais blocos dizem que a iniciativa conta com votos suficientes e o presidente Mauricio Macri prometeu respeitar a decisão do Congresso. Era uma questão de saúde pública inadiável em um país onde a cada ano há estimados 450 mil abortos clandestinos, dezenas dos quais (55 em 2015, 43 em 2016) terminam em morte. Que o exemplo sirva ao vizinho do Norte, onde os números são muito semelhantes.

Devastação no Iêmen

Com apoio aéreo saudita, tropas dos Emirados Árabes Unidos vindas de uma base na Eritreia lançaram, na quarta-feira 13, um ataque ao porto iemenita de Hodeida, o mais importante nas mãos das forças *houthi* que os enfrentam na guerra pelo controle do Iêmen. Para além da violência no esforço pela conquista da cidade, que já incluiu o bombardeio e a destruição de um Centro de Controle do Cólera dos Médicos sem Fronteiras, a operação ameaça estrangular a ajuda humanitária ao interior do Iêmen, que, devastado pela fome e pela epidemia de cólera, tem esse porto como único e precário acesso a alimentos e medicamentos.

Europa/ NAU DOS AFLITOS

RESGATE DE REFUGIADOS CAUSA CRISE DIPLOMÁTICA NA EUROPA

Após resgatar 629 refugiados ameaçados de afogamento no Mediterrâneo, inclusive doentes, feridos e grávidas, o navio *Aquarius*, operado pelas ONGs francesas Médicos sem Fronteira e SOS Mediterrâneo, teve o desembarque vetado em Malta pelo governo do primeiro-ministro Joseph Muscat, e na Itália pelo declaradamente xenófobo

ministro do Interior, Matteo Salvini. Após um longo impasse, o recém-empossado chefe do governo espanhol, Pedro Sánchez, aceitou recebê-los e a França prometeu asilo aos que atenderem a seus requisitos. Não é ainda um final feliz. O navio sobrecarregado enfrenta uma viagem de 750 milhas até o Porto de Valência com mau tempo, enquanto



O *Aquarius*, mais um pomo de discórdia de uma Europa cada vez mais dividida

Roma digladiada com Paris e Madri, que a acusam de cinismo e irresponsabilidade. O governo de Giuseppe Conte os acusa de hipocrisia e exige desculpas. Esses países deveriam se unir por um novo modelo para a União Europeia contra a rigidez alemã, mas a questão migratória envenena suas relações tanto quanto a política de toda a Europa.

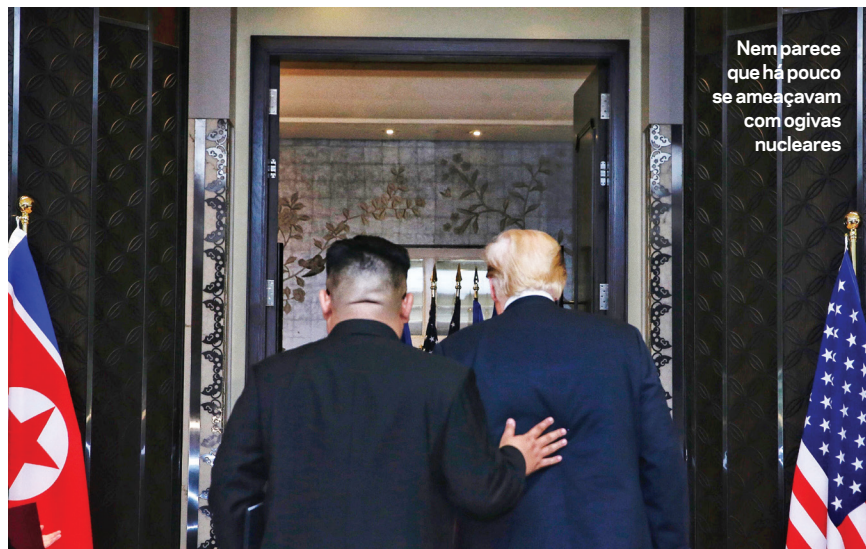
A Semana

Coreias/ O amor venceu?

Trump e Kim fazem as pazes no encontro de 12 de junho em Cingapura

Antes a hipocrisia do que a catástrofe. Os dois líderes – ou “dois ditadores”, como deixou escapar a Fox News em um significativo ato falho – abraçaram-se como grandes amigos, como se há poucos meses não chamassem um ao outro de “homemzinho foguete” e “velho caduco de mente transtornada”. Não será surpresa se Kim Jong-un e Donald Trump forem indicados para o Nobel da Paz, por aliviar o mundo das tensões por eles mesmos criadas no ano passado, quando pareciam levar o planeta à beira da guerra nuclear.

Ambos voltam para casa como vitoriosos aos olhos dos seguidores, mas Kim tem mais motivos para comemorar. Pôde negociar de igual para igual com uma superpotência e obteve a suspensão imediata dos exercícios



militares conjuntos do Pentágono e de Seul, oferecendo em troca apenas uma promessa de desnuclearização, válida apenas se os EUA também retirarem

suas armas da Península. Vale a pena, é preciso concluir, desafiar Washington para obter armas nucleares e mísseis intercontinentais.



Quando Lula foi conduzido à força, Mendes fez galhofa. Depois mudou o entendimento e proibiu a prática por meio de liminar

Justiça/ SUPREMA HIPOCRISIA

AGORA, E SÓ AGORA, O STF CONSIDERA ILEGAIS AS CONDUÇÕES COERCITIVAS PARA INTERROGATÓRIO

A condução coercitiva para interrogatório, procedimento-padrão na Operação Lava Jato, é inconstitucional e fere o direito do investigado de não produzir provas contra si mesmo, decidiu a maioria do Supremo Tribunal Federal na quinta-feira 14. O instrumento estava suspenso desde dezembro, em razão de uma liminar de Gilmar Mendes. Além do ministro, votaram contra esse tipo de prática Rosa Weber, Dias Toffoli, Ricardo Lewandowski, Marco Aurélio Mello e o decano Celso de Mello. A condução coercitiva foi autorizada pelo juiz Sergio Moro

em mais de 50 oportunidades. Em 2016, o magistrado responsável pela Lava Jato na primeira instância determinou que Lula fosse levado à força para depor sobre supostos favorecimentos de empreiteiras e do pecuarista José Carlos Bumlai ao petista. Embora o ex-presidente jamais tenha se recusado a prestar depoimento de forma espontânea, foi conduzido de forma espalhafatosa por agentes armados até a unidade da Polícia Federal no Aeroporto de Congonhas. À época, o Supremo omitiu-se diante da flagrante ilegalidade.

KEVIN LIM/APP, TANIA REGO/ABR, REPRODUÇÃO MÍDIA SOCIAL É CARLOS MOURA/STF



Marielle/ Três meses sem respostas

A versão apresentada por testemunha-chave é alvo de variadas suspeitas

Ex-deputado estadual pelo MDB e conselheiro afastado do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro, Domingos Brazão foi intimado pela Divisão de Homicídios da capital a prestar esclarecimentos no inquérito que apura o assassinato da vereadora Marielle Franco, do PSOL. Os investigadores querem saber se existe alguma ligação do conselheiro com uma testemunha do caso, que afirmou ter visto o chefe de uma milícia da Zona Oeste, Orlando Araújo, e o vereador Marcelo Siciliano, do PHS, tramando a morte de Marielle.

Há tempos os investigadores desconfiam da versão apresentada pelo delator, um ex-miliciano cuja identidade permanece sob sigilo. Ao contrário do que disse em depoimento, Marielle tinha pouca presença no reduto eleitoral do vereador do PHS e nas áreas controladas pelo grupo de Orlando. Além disso, a testemunha teria ligação com o agente federal aposentado

Gilberto Ribeiro, funcionário do gabinete de Domingos Brazão. As suspeitas são reforçadas pelo fato de o conselheiro do TCE ser irmão do vereador Chiquinho Brazão (Avante), um conhecido desafeto de Siciliano. Todos os envolvidos negam qualquer participação no crime. Em meio à reviravolta nas investigações, a bárbara execução de Marielle completou três meses sem respostas.

“É fundamental que continuemos cobrando justiça, ainda mais em um país com memória tão curta”, disse Monica Benício, viúva da vereadora, em recente ato promovido pela Anistia Internacional em frente ao Ministério

Público no Rio de Janeiro.

“A possível participação de políticos nesse caso não é algo que nos surpreenda. No entanto, antes de qualquer coisa, prefiro esperar a conclusão das investigações”, emendou, em entrevista ao jornal *O Globo*, o deputado estadual Marcelo Freixo, amigo e padrinho de Marielle na política.



A polícia quer saber se Domingos Brazão, do MDB, tem ligações com o delator

O interventor perde o seu “braço direito”

O general Mauro Sinott deixou o cargo de secretário do Gabinete de Intervenção Federal, órgão que assumiu o comando das forças policiais do Rio de Janeiro por determinação de Michel Temer. A saída ocorreu no dia 6 de junho, mas só foi confirmada na quinta-feira 14. Comandante da 1ª Divisão do Exército no Rio, Sinott foi destacado para assumir a 3ª Divisão, no Rio Grande do Sul. Segundo o Comando Militar do Leste, a mudança já estava prevista desde março, e foi adiada em razão da crise de segurança no estado. Ele era considerado o braço direito do interventor Walter Braga Netto, que continua no cargo.